

# O ENSINO DA LEITURA E DA ESCRITA E O TRABALHO COM HETEROGENEIDADE EM UMA TURMA DO 3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Yasmim Vitória Maria Cavalcanti da Silva Passos<sup>1</sup>

Larissa Vitória Alves Tavares<sup>2</sup>

Carmi Ferraz Santos<sup>3</sup>

Ana Catarina dos Santos Pereira Cabral<sup>4</sup>

## RESUMO

O trabalho apresenta um relato de experiência vivenciado por duas bolsistas do Programa de Iniciação à Docência (PIBID), no ano de 2023, do curso de Licenciatura em Pedagogia, da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Tivemos como objetivo refletir sobre a heterogeneidade e o uso de jogos e sequências didáticas envolvendo o ensino da leitura e da escrita em uma turma do 3º ano do Ensino Fundamental (anos iniciais). Para isso, fundamentamos nossa vivência nos estudos de Soares (2003, 2012) que discute sobre a importância de alfabetizar letrando; Vygotsky (1991), Kishimoto (2008) que exploram a importância da brincadeira; e Leal e Pessoa (2023) que abordam sobre o trabalho envolvendo heterogeneidade. Planejamos sequências didáticas envolvendo o ensino da leitura e da escrita, e confeccionamos e utilizamos jogos de alfabetização que trabalhavam a consciência fonológica, reflexão sobre os princípios do Sistema de Escrita Alfabética (SEA) e de consolidação das relações grafema e fonema. Para realização das atividades organizamos a turma em grupos de acordo com os níveis de conhecimentos sobre a escrita. Concluímos, portanto, que trabalhar com o ensino da leitura e da escrita, considerando os diferentes níveis de conhecimentos sobre o SEA e utilizando recursos didáticos que podem favorecer experiências lúdicas, permite um maior envolvimento das crianças e um avanço em relação aos seus conhecimentos sobre o Sistema de Escrita Alfabética.

**Palavras-chave:** Alfabetização, Letramento, Jogos, Sequências Didáticas, Heterogeneidade.

## INTRODUÇÃO

Com a democratização da educação brasileira, as escolas públicas passaram a receber cada vez mais grupos heterogêneos de crianças em suas salas de aula. Nesse

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal Rural de Pernambuco - PE, [yasmim.vmcspassos@ufrpe.br](mailto:yasmim.vmcspassos@ufrpe.br);

<sup>2</sup> Graduanda pelo Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal Rural de Pernambuco - PE, [larissa75alves@gmail.com](mailto:larissa75alves@gmail.com);

<sup>3</sup> Doutora pelo Curso de Doutorado em Linguística Aplicada da Universidade Estadual de Campinas- SP, [carmiferraz@gmail.com](mailto:carmiferraz@gmail.com);

<sup>4</sup> Doutora pelo Curso de Doutorado em Educação da Universidade Federal de Pernambuco - PE, [ana.pcabral@ufrpe.br](mailto:ana.pcabral@ufrpe.br)

contexto, houve a necessidade de se pensar em práticas pedagógicas que atendessem às especificidades desses sujeitos na aprendizagem da língua escrita. Soares (2003 e 2012) aponta que é possível desenvolver um ensino do sistema de escrita alfabética (SEA) que contemple os contextos de cada estudante, por meio de atividades nas quais os aprendizes possam compartilhar seus conhecimentos em conjunto sob a mediação do docente, de maneira que, no processo de aprendizagem, construam e reconstruam suas habilidades em relação à leitura e à escrita.

Nesse sentido, as atividades de natureza lúdica se apresentam como uma oportunidade para tornar o ensino e a aprendizagem do sistema de escrita alfabética (SEA) mais reflexivos e significativos para as crianças. Conforme Vygotsky (1991), o ato de brincar é uma importante forma de expressão da criança, na qual a mesma se torna protagonista de seu próprio mundo. Assim, sob a ótica do desenvolvimento, as atividades lúdicas representam não apenas momentos de diversão, mas também uma oportunidade para o processo de aprendizagem da criança.

Kishimoto (2008) corrobora com essa visão ao expressar que o brincar potencializa o desenvolvimento da criança. Com isso, a ludicidade pode ser encarada como uma abordagem pedagógica na sala de aula, que possibilita um ensino integrativo com os contextos dos estudantes, permitindo, assim, não apenas a construção de novos conhecimentos, mas também contribuindo para a participação ativa desses sujeitos em suas aprendizagens.

Com base nisso, evidencia-se a necessidade de mediar os diferentes níveis de conhecimentos (Leal; Santana e Santos, 2023) em relação à língua escrita das crianças, com o propósito de consolidar os princípios do sistema de escrita alfabética. Para Leal e Santos, a heterogeneidade faz parte do processo educativo, sendo essencial que o docente adote em sua prática um "olhar sensível" (p.155) para proporcionar aos estudantes um ensino contextualizado com a realidade, no qual as semelhanças e diferenças possam ser exploradas.

Em virtude da experiência durante o Programa de Iniciação à Docência (PIBID), buscamos evidenciar a importância do brincar para a aprendizagem das crianças dos anos iniciais do ensino fundamental e para o ensino dos diferentes níveis de conhecimento relacionados à leitura e à escrita. No decorrer das intervenções realizadas em 2023 em uma turma do 3º ano, de uma escola municipal da rede do Recife, foram elaboradas propostas que exploraram o brincar a partir do trabalho envolvendo uma sequência didática com rótulos e embalagens, uma atividade de exercício da escrita

espontânea, uma atividade de rima e formação de palavras, bem como um bingo de leitura e formação de palavras.

## **O USO DO LÚDICO NO ENSINO DA HETEROGENEIDADE E NA APRENDIZAGEM DO SISTEMA DE ESCRITA ALFABÉTICA**

Para muitos educadores das escolas públicas do Brasil, o trabalho com a heterogeneidade nas salas de aula ainda é visto como um desafio desde a democratização da educação. Em relação à alfabetização, as principais discussões sobre essa temática giram em torno dos questionamentos de como se deve desenvolver uma prática de ensino da escrita e de leitura que contemple as diversidades culturais, sociais, linguísticas e cognitivas que englobam a heterogeneidade no ambiente educacional.

Para Soares (2021), é importante que as escolas reconheçam que as crianças já constroem hipóteses sobre a língua escrita muito antes de ingressarem nelas, pois trazem consigo conhecimentos oriundos de suas famílias, comunidades e culturas. Nesse sentido, a autora (2003 e 2012) expressa que a aprendizagem do Sistema de Escrita Alfabética (SEA) é um processo complexo que envolve a aquisição e o desenvolvimento da leitura e da escrita. Argumentando que a prática pedagógica deve ser articulada aos mais diversos saberes (psicológicos, didáticos, sociais, linguísticos etc.) que compõem as muitas facetas da alfabetização. Defendendo assim que esse trabalho deve promover a escrita e a leitura por meio de práticas sociais, adotando a perspectiva de alfabetizar letrando, na qual o docente assume o papel de mediador, engajando os estudantes por meio de situações reais de uso da escrita e da leitura na sociedade.

Desse modo, sob a perspectiva sociointeracional da língua, compreende-se que o ensino da língua escrita não se resume apenas a um conjunto de regras gramaticais, mas sim a um meio de interação e comunicação inserido em um contexto cultural e social. Portanto, é essencial considerar a heterogeneidade dos estudantes, pois elas influenciam significativamente o processo de aprendizagem.

No tocante a isso, Leal e Santos(2023) ao discutirem sobre as heterogeneidades individuais no processo de alfabetização, ao citarem Mainardes (2008), esclarecem que as diversidades na sala de aula, sejam elas de natureza cognitiva, familiar, socioeconômica, cultural, étnica ou de gênero, possibilitam as múltiplas interações e mediações pedagógicas e sociais existentes no ambiente escolar. As autoras reafirmam a

necessidade de se desenvolver práticas pedagógicas diversificadas que oportunizem a exploração das heterogeneidades no processo educativo.

Em alinhamento a isso, Piccoli (2018) ressalta que é crucial adotar uma nova perspectiva ao visualizar a heterogeneidade na sala de aula. Cada estudante, mesmo aquele que inicialmente parece desafiador, deve instigar o docente a desenvolver metodologias alternativas de ensino.

A autora coloca que é preciso que o docente conheça os estudantes e seus conhecimentos compartilhados, não para individualizar o ensino, mas para identificar repertórios de conhecimentos comuns em grupos de crianças. Inspirando-se nesses pressupostos sociointeracionistas, a ação docente deve fornecer suporte direcionado para promover aprendizagens em grupos que possam compartilhar certos conhecimentos.

Para atender a essas especificidades no processo de aprendizagem do sistema de escrita alfabética é preciso desenvolver práticas que contemplem essas singularidades. Desta forma, em relação à aprendizagem das crianças, o lúdico, apresenta-se como uma possibilidade para o ensino. Para Kishimoto (2008), a brincadeira é uma ação simbólica da realidade. É brincando com seus brinquedos, jogos e faz de conta que as crianças desenvolvem a sua imaginação, e em meio a essa habilidade as mesmas se tornam sujeitos criativos e que constroem novas realidades.

Vygotsky (1991) explica que a imaginação é um processo psicológico novo para as crianças, pois representa uma forma especificamente humana das atividades conscientes. O autor descreve que “é no brinquedo que a criança aprende a agir numa esfera cognitiva” (p.126). Nesse aspecto, o mesmo autor defende que é no brincar que a criança interage com a linguagem, seja essa verbal ou não verbal. A brincadeira, portanto, pode ser encarada como um aporte pedagógico que contribui para aprendizagem e desenvolvimento das crianças, uma vez que é por meio dela que as crianças se sentem motivadas em realizar atividades.

O lúdico, assim, não se limita apenas ao entretenimento, mas desempenha um papel importante no desenvolvimento cognitivo e social das crianças. Conforme destacado por Kishimoto e Vygotsky, é por meio do brincar que as crianças desenvolvem sua imaginação, criatividade e habilidades de resolução de problemas. Durante as brincadeiras, as mesmas exploram diferentes papéis, experimentam novas situações e aprendem a interagir uns com os outros.

No contexto da alfabetização, o “brincar com a língua” (Leal; Albuquerque e Leite, 2005) se apresenta como uma possibilidade de tornar o ensino do Sistema de Escrita Alfabética mais participativo e envolvente. Jogos de palavras, rimas e aliteração, bem como, exploração de textos e atividades de associação entre letras e sons, podem ser recursos utilizados para explorar a leitura e escrita.

Kishimoto (2008) nos traz que o jogo carrega consigo as representações da vida cotidiana. Segundo a autora, “o jogo assume a imagem, o sentido que cada sociedade lhe atribui” (p.16). Essa afirmação revela que, ao brincar com o jogo, as crianças não estão apenas se envolvendo em atividades que geram prazer, mas também se inserem em práticas que refletem as realidades históricas, culturais e sociais de uma comunidade. Por meio dos jogos são compartilhados saberes, normas e concepções de mundo. Portanto, ao atribuir os jogos no processo pedagógico considera-se as diversas formas de realidades que os estudantes expressam na sala de aula.

Leal e Albuquerque e Leite (2005) ao tratarem dos jogos na alfabetização se atentam a destacar que:

O “brincar com a língua” faz parte das atividades que realizamos fora da escola desde muito cedo. Assim, quando cantamos músicas e cantigas de roda, ou recitamos parlendas, poemas, quadrinhas, ou desafiamos os colegas com diferentes adivinhações, estamos nos envolvendo com a linguagem de maneira lúdica e prazerosa. Da mesma forma, são variados os tipos de jogo que fazem parte da nossa cultura e que envolvem a linguagem. (p.117).

As autoras afirmam que é necessário que na prática do docente o mesmo tenha percepção sobre o que determinado jogo pode proporcionar ao aprendizado do estudante. Devendo em seu planejamento organizar e selecionar os jogos a partir de objetivos didáticos os quais deseja alcançar. Isso porque, fundamentalizando-se em Kishimoto (2003), as mesmas esclarecem que deve haver um equilíbrio entre função educativa e função lúdica.

O equilíbrio entre as duas funções é o objetivo do jogo educativo. Entretanto, o desequilíbrio provoca duas situações: não há mais ensino, há apenas jogo, quando a função lúdica predomina ou, ao contrário, quando a função educativa elimina todo hedonismo, resta apenas o ensino (Kishimoto, 2003, p. 19, apud, Leal, Albuquerque e Leite, 2005).

Em suma, diante da complexidade do processo de alfabetização e das heterogeneidades presentes nas salas de aula, torna-se evidente a necessidade de adotar práticas pedagógicas contextualizadas. As atividades de natureza lúdica, especialmente os jogos que promovem a interação com a linguagem, podem emergir como uma possibilidade para engajar os estudantes no aprendizado do Sistema de Escrita Alfabética. No entanto, é crucial compreender que o uso do lúdico deve ser equilibrado com outras estratégias pedagógicas, garantindo que as atividades sejam relevantes para os objetivos de ensino e aprendizagem, e que atendam às necessidades dos estudantes. Ao reconhecer e aproveitar as múltiplas formas de expressão e vivências da criança, o docente pode promover um ambiente de aprendizagem diversificado, no qual cada aprendiz tenha a oportunidade de desenvolver suas habilidades linguísticas de forma significativa.

## **METODOLOGIA**

No desenvolvimento deste trabalho foi adotada como proposta metodológica a abordagem da pesquisa-ação, a qual, conforme mencionado por Padilha e Maciel (2015) “tem sido bastante utilizada tendo em vista a pertinência e importância de seu caráter pedagógico. Ao desenvolverem projetos de pesquisa-ação, os professores têm ampliado as possibilidades de apropriação, (re)significação de suas práticas avançando no processo de construção de conhecimentos teóricos e empíricos.” (p.16)

Assim sendo, o foco central deste trabalho é apresentar o desenvolvimento das atividades realizadas durante o Programa de Iniciação à Docência (PIBID), em uma turma do ciclo de alfabetização dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. No processo das atividades de intervenção, foi adotada a prática pedagógica de agrupar as crianças conforme seus diferentes níveis de conhecimento da língua escrita, com o pressuposto de que elas pudessem compartilhar seus conhecimentos sobre esse sistema por meio de interações.

As atividades elaboradas tinham como objetivo, por meio de uma abordagem lúdica, promover a reflexão sobre alguns princípios do Sistema de Escrita Alfabética (SEA), como os segmentos sonoros que compõem as palavras escritas e o reconhecimento da relação grafofonêmica. Além disso, buscava-se trabalhar a leitura e a escrita de palavras e textos, e a ampliação do vocabulário, visando à construção de

palavras estáveis. As atividades foram realizadas ao longo do segundo semestre letivo da escola. Cada atividade durou cerca de duas horas e ocorreu no segundo horário, com a autorização da docente regente da turma.

A seguir, descreveremos as atividades:

1º Atividade (Rótulos e Embalagens): Inicialmente, reunimos diversos tipos de rótulos e embalagens e construímos um quadro de palavras referentes ao som inicial das palavras encontradas. Em seguida, as crianças foram organizadas em grupos e solicitadas a identificar as letras e sílabas presentes nas palavras e a contar a quantidade de letras e sílabas.

2º atividade (escrita espontânea): A partir da leitura do livro “Todos os meus sonhos”, de Ivan Zigg, dialogamos com as crianças “quais eram os seus sonhos”. Depois da conversa pedimos para que elas desenhassem ou escrevessem sobre os seus sonhos, e logo após, fizeram uma pequena apresentação sobre os seus desenhos e textos escritos.

3º atividade (Jogos do CEEL): Após realizar uma nova análise sobre os níveis de escrita das crianças, utilizamos os jogos construídos pelo Centro de Estudo de Educação e Linguagem (CEEL). Nesta atividade, as crianças foram divididas em grupos de acordo com os seus níveis de conhecimento sobre a língua escrita. Os jogos utilizados foram: “Caça-rimas”, “Quem escreve sou eu” e “Batalha de Palavras”.

4º atividades (Bingo das sílabas): Com a confecção de um jogo de bingo para a formação de palavras com sílabas, as crianças foram organizadas em duplas, receberam uma cartela com imagens e, juntas, deveriam formar os nomes das imagens ali presentes.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A partir de uma avaliação diagnóstica realizada na turma, percebeu-se que as crianças da turma do 3º ano apresentavam diferentes hipóteses sobre o sistema de escrita alfabética. As hipóteses variavam desde a fase pré-silábica até a alfabética. Esse diagnóstico revelou as diferenças individuais no processo de aquisição e

desenvolvimento da escrita e leitura de cada criança da turma, destacando as heterogeneidades que compõem o processo de aprendizagem de cada sujeito em relação à língua escrita. Com isso, notou-se a necessidade de se adotar metodologias diversificadas que atendessem às especificidades de cada criança, especialmente as que se encontravam com dificuldade em avançar de hipótese.

Um aspecto observado no cotidiano da turma é que as crianças passavam boa parte do tempo realizando atividades de ficha, retiradas da internet, que não possuíam contexto com suas realidades. Assim, notou-se que as mesmas apresentavam um certo desânimo na realização das atividades, o que também acabava não contribuindo para suas aprendizagens.

Como apontam Rocha e Ribeiro (2017), evidenciou-se que ainda muitos contextos escolares, prevalecem atividades mecanicistas voltadas para a cópia e repetição em que as crianças passam horas sentadas realizando atividades descontextualizadas. Essa prática de ensino da língua escrita, traz consigo, uma concepção que se propõe a “apagar as heterogeneidades da escola, partindo da ideia de que todos são iguais” (Leal e Santos, 2023, p.154) e relegando o papel do lúdico para a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Nesse sentido, propusemo-nos a elaborar atividades por meio das quais as crianças pudessem aprender de forma significativa e divertida sobre o sistema de escrita alfabética, assim como refletir sobre o funcionamento da escrita. Sendo assim, utilizamos práticas lúdicas, visto que, como expressado pelas autoras Rocha e Ribeiro (2017), a vivência lúdica permite um maior envolvimento dos sujeitos, uma vez que o lúdico carrega consigo prazer, satisfação e alegria, oportunizado que as crianças explorem e compreendam os conteúdos culturais.

A sequência didática envolvendo rótulos e embalagens, foi a nossa primeira tentativa em explorar o lúdico no ensino do sistema de escrita alfabética. Com isso, no primeiro momento da sequência didática planejada foi indagado às crianças quais outras palavras as mesmas conheciam que possuíam o mesmo som inicial das palavras dos



rótulos e embalagens coletadas como: “Assolam”, “Treloso”, “Doritos” e etc. A partir disso, foi construído um quadro que reunia todas as palavras mencionadas pelas crianças. No segundo momento, as crianças em suas diferentes hipóteses de escrita foram organizadas em grupos mistos e mediadas a identificarem e contarem as sílabas das palavras.

Foi perceptível na realização da sequência didática a participação ativa das crianças na construção do quadro. A exploração com materiais reais permitiu com que as crianças elaborassem conhecimentos sobre a notação da escrita e leitura de palavras estabelecendo uma relação com materiais escritos presentes no cotidiano.

**Figura 1-** Grupo da atividade com rótulos e embalagem



**Acervo:** Pessoal

Na segunda atividade realizada, planejamos desenvolver individualmente a produção espontânea das crianças. Nessa atividade as crianças foram engajadas a escreverem utilizando suas hipóteses de escrita. Após a leitura do livro "Todos os Meus Sonhos", de Ivan Zigg, distribuímos lápis e papel e pedimos às crianças que escrevessem e desenhassem "quais eram os seus sonhos".

As crianças demonstraram entusiasmo ao produzirem seus pequenos relatos. O que demonstra que, conforme apontado por Soares (2003 e 2021), ao trabalharmos o uso da língua escrita a partir dos sonhos que as mesmas possuem, contribuímos para as crianças construírem seus conhecimentos e fazerem uso da língua de maneira significativa. Essa prática possibilita revelar suas individualidades, e o sentido que as mesmas possam dar à língua escrita.

**Figura 2** - Grupo jogando o “Caça rimas” do CEEL

**Acervo:** pessoal

Nessa perspectiva, no uso dos jogos do CEEL, optamos novamente pelo agrupamento, desta vez organizando os grupos das crianças de acordo com suas hipóteses de escrita. As crianças pré-silábicas participaram do jogo "Caça-rimas", por meio do qual exploraram as unidades sonoras e semelhanças das palavras. Aquelas que estavam no estágio silábico jogaram "Batalha de palavras", exercitando identificar as unidades fonológicas das sílabas bem como compará-las em relação a outras palavras. Já as crianças alfabéticas, participaram do jogo "Quem escreve sou eu", que as incentivou a consolidar as relações grafofônicas.

É por essa razão que Leal e Silva (2023), em referência a Sá (2015) defendem que, “a alternância de atividades coletivas diferenciadas e em pequenos grupos favorece a organização didática no sentido de atendimento das heterogeneidades de aprendizagens.” (p.186)

Ao planejarmos o uso dos jogos de acordo com as hipóteses de escrita de cada criança, levamos em conta a necessidade de criar um espaço de aprendizagem diversificado. Isso significa que organizamos as atividades de modo que todas as crianças possam participar conforme suas especificidades. Evidenciamos também a importância de estabelecer um objetivo claro para cada jogo, visando alcançar um objetivo específico de aprendizagem que se alinham com o desenvolvimento das habilidades linguísticas de cada estudante.

**Figura 3** - Dupla jogando o “Bingo das Sílabas”



### **Acervo: Pessoal**

A atividade do “Bingo das Sílabas” foi uma proposta de intervenção final do PIBID, que consistia em criar um jogo para as turmas de alfabetização. Logo após a confecção, aplicamos o jogo na turma. Organizamos as crianças em duplas heterogêneas. Cada dupla recebeu uma cartela de sílabas e um envelope com imagens, e deveriam formar as palavras dessas imagens com tampinhas de garrafa que continham essas sílabas.

Durante o jogo, as interações entre as duplas envolveram a troca das tampinhas que correspondiam às sílabas para formar as palavras correspondentes às imagens dos envelopes. Esse processo não apenas incentivou a resolução de problemas de maneira cooperativa, mas também promoveu a troca de conhecimentos entre os pares, pois cada criança contribuiu com o seu conhecimento. Além disso, as interações durante o jogo demonstram que as crianças estavam engajadas e motivadas, aproveitando de forma prática o que estavam aprendendo.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao longo deste artigo, evidenciamos a relevância do brincar para a aprendizagem das crianças (Kishimoto, 2008). Nessa perspectiva, compreendemos que a inclusão do brincar no cotidiano da sala de aula, assim como apontado por Moura (2003, apud Albuquerque, Leal e Leite, 2005) pode ser uma estratégia importante para o ensino das crianças.

Nas experiências vivenciadas durante a realização dessas intervenções, pudemos perceber, conforme afirma Piccoli (2018), no tocante ao ensino e aprendizagem do sistema de escrita alfabética e aos usos da língua escrita, que "é necessário destinar tempo e investimento na criação de materiais didáticos e no planejamento de estratégias que mobilizem nos alunos diferentes ferramentas cognitivas" (p.140).

Conseqüentemente, conclui-se que a vivência lúdica favoreceu uma aprendizagem mais significativa para as crianças na turma na qual a vivência acima apresentada foi realizada, permitindo que os aprendizes se tornassem protagonistas na construção de seus conhecimentos acerca da língua escrita.

## REFERÊNCIAS

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogos, brinquedos e brincadeiras na educação**. São Paulo: Cortez, 2008.

LEAL, Telma; ALBUQUERQUE, Eliana; LEITE, Tânia. **Jogos: alternativas didáticas para brincar alfabetizando (ou alfabetizar brincando?)**. In: Moraes, Artur; Albuquerque, Eliana; Leal, Telma. **Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabético**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

\_\_\_\_\_, Telma Ferraz; SANTOS, Rayssa Cristina Silva Pimentel dos. **As diferenças individuais na sala de aula**. In: LEAL, Telma Ferraz; PESSOA, Ana Claudia Rodrigues Gonçalves. **Heterogeneidade nas práticas de alfabetização: concepções e práticas: alfabetização na perspectiva da heterogeneidade**. Paraná: Editora Atena, 2023.

\_\_\_\_\_, Telma Ferraz; SILVA, Maria Daniela da. **Agrupamentos em sala de aula: como e para quê?** In: LEAL, Telma Ferraz; PESSOA, Ana Claudia Rodrigues Gonçalves. **Heterogeneidade nas práticas de alfabetização: o ensino na perspectiva da diversidade social e diferenças individuais**. Paraná: Editora Atena, 2023.

\_\_\_\_\_, Telma Ferraz; SANTANA, Joselmo Santos de; SANTOS, Rayssa Cristina Silva Pimentel dos. **A mediação docente no tratamento da heterogeneidade em sala de aula** In: LEAL, Telma Ferraz; PESSOA, Ana Claudia Rodrigues Gonçalves. **Heterogeneidade nas práticas de alfabetização: Mediação docente e heterogeneidade na alfabetização**. Paraná: Editora Atena, 2023.

PICCOLI, Luciana. **Planejar para incluir a todos: por que precisamos discutir “como” diferenciar o ensino no ciclo de alfabetização**. In: LEAL, Telma Ferraz; SÁ, Carolina Figueiredo de; SILVA, Elaine Cristina Nascimento da. **Heterogeneidade, educação e linguagem em contextos do campo e da cidade**. Recife: Editora UFPE, 2018.



PADILHA, Regina Célia Wipieski; MACIEL, Margareth de Fátima. **Fundamentos da pesquisa para projetos de intervenção**. Guarapuava: Unicentro, 2015.

ROCHA, Maria; RIBEIRO, Rosângela. **A vida cotidiana e as brincadeiras no primeiro ano do ensino fundamental**. Campinas: Cad.Cedes, 2017.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2023.

\_\_\_\_\_, Magda. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 2012.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fonte, 1991.